

Políticas chinesas de compreensão internacional e internacionalização do ensino superior (IES): o exemplo da Universidade de Yunnan (final do século XX e início do século XXI)

Chinese policies of international understanding and internationalization of higher education (HEI): the example of Yunnan University (late 20th and early 21st centuries)

Políticas chinas de entendimiento internacional e internacionalización de la enseñanza superior (IES): el ejemplo de la Universidad de Yunnan (finales del siglo XX y principios del XXI)

Meijuan Lu

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3576-0643>

Jing Zhao

ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-1906-5396>

André D. Robert

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3834-0866>

Resumo: As questões levantadas por nosso artigo são as seguintes: como uma universidade chinesa se encaixa nas políticas nacionais e regionais de internacionalização do ensino superior e mobilidade estudantil? Como ela está agora em posição de afirmar suas características específicas e, se necessário, demonstrar sua autonomia? Atualmente, a política de Internacionalização do Ensino Superior da China e seu incentivo à mobilidade internacional de estudantes fazem parte de uma política educacional geral que tem cinco componentes: o desejo de manter a soberania educacional da China, reduzir as desigualdades entre as regiões, dar preferência às ciências “duras”, buscar um melhor equilíbrio entre o envio de estudantes para o exterior e o recebimento de estudantes estrangeiros e manter um forte compromisso com as sociedades ocidentais. O artigo começa analisando o nível macro (governo central) a partir da década de 1980 (a “nova era”). As regiões estão desenvolvendo políticas específicas para a internacionalização, especialmente oferecendo condições favoráveis para estudantes estrangeiros e para chineses que retornam do exterior após a obtenção de um diploma. Apresentamos (em nível meso) o exemplo da região de Yunnan (sudeste da China). A terceira parte é dedicada à investigação da internacionalização do ensino superior e da política de mobilidade estudantil no nível de uma universidade em particular: a Universidade de Yunnan (nível micro). O principal método utilizado



Esta obra está licenciada com uma licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

é uma síntese de textos chineses não conhecidos fora do país e a análise de conteúdo de documentos e sites oficiais de políticas em três níveis: governo central, uma região e uma universidade.

Palavras-chave: Internacionalização do ensino superior; China; Mobilidade internacional; Estudantes chineses.

Abstract: The questions raised by our article are as follows: how does a Chinese university fit into national and regional IHE (Internationalization of Higher Education) and student mobility policies? How is it able to assert its specific characteristics and, if necessary, demonstrate its autonomy? China's policy of IHE and encouraging international student mobility is currently part of an overall educational policy that includes five components: the desire to maintain China's educational sovereignty, the reduction of inequalities between regions, the preference given to «hard» sciences, the search for a better balance between sending students abroad and welcoming foreign students, and the desire to maintain a strong commitment to Western societies. This internationally-oriented policy has a long history, and this article first looks at the macro level (central government) from the 1980s onwards (the «new era»). The regions themselves are developing specific policies geared towards internationalization, in particular by offering favorable reception conditions for foreign students, and good reintegration conditions for Chinese returning from abroad after graduation. We present (at meso level) the example of the Yunnan region (south-east China). The third part of the article is devoted to the investigation of IHE and student mobility policy at the level of one university in particular: Yunnan University (micro level). The main method used is the synthesis of Chinese texts not known outside the country, and content analysis of official policy documents and websites at the three levels of central government, region and university.

Keywords: Internationalization of higher education; China; International mobility; Chinese students.

Resumen: Las cuestiones que plantea nuestro artículo son las siguientes: ¿cómo se inscribe una universidad china en las políticas nacionales y regionales de internacionalización de la enseñanza superior y de movilidad de los estudiantes? ¿Cómo está ahora en condiciones de afirmar sus características específicas y, en su caso, demostrar su autonomía? La política china en materia de internacionalización de la enseñanza superior y su fomento de la movilidad internacional de los estudiantes forman parte actualmente de una política educativa global que tiene cinco componentes: el deseo de mantener la soberanía educativa de China, de reducir las desigualdades entre regiones, de dar preferencia a las ciencias “duras”, de buscar un mejor equilibrio entre el envío de estudiantes al extranjero y la recepción de estudiantes extranjeros y de mantener un fuerte compromiso con las sociedades occidentales. Esta política internacional tiene una larga historia, y este artículo examina en primer lugar el nivel macro (gobierno central) a partir de la década de 1980 (la “nueva era”). Las propias regiones desarrollan políticas específicas orientadas a la internacionalización, en particular ofreciendo condiciones favorables de acogida a los estudiantes extranjeros y buenas condiciones de reintegración a los chinos que regresan del extranjero tras obtener un título. Presentamos (a nivel meso) el ejemplo de la región de Yunnan (sudeste de China). La tercera parte del artículo está dedicada a investigar la política de movilidad de la internacionalización de la enseñanza superior y los estudiantes a nivel de una universidad en concreto: la Universidad de Yunnan (nivel micro). El principal método utilizado es la síntesis de textos chinos no conocidos fuera del país y el análisis de contenido de documentos y sitios web oficiales sobre políticas a tres niveles: el gobierno central, una región y una universidad.

Palabras clave: Internacionalización de la enseñanza superior; China; Movilidad internacional; Estudiantes chinos.

1 Introdução

Por IES, Internacionalização do Ensino Superior, entende-se um fenômeno que, sem ter inicialmente portado este nome¹, se manifestou com o desenvolvimento da Universidade (nos séculos XIV et XV no Ocidente²) e, posteriormente, assumiu diferentes conotações em diferentes épocas e contextos. A IES como categoria 'oficial' contemporânea (UNESCO), é uma resposta à globalização econômica, é um processo de busca da excelência e desenvolvimento contínuo do ESR (Ensino Superior e Pesquisa³). Isso exige que o ensino superior, necessariamente enraizado em um determinado país, responda aos desafios do mundo e do futuro e promova seu próprio desenvolvimento sem ignorar a experiência e as conquistas do ensino superior estrangeiro por meio da cooperação e do intercâmbio internacionais. A IES apresenta-se, assim, como uma passagem obrigatória para qualquer país que pretenda evidenciar as competências dos seus docentes-pesquisadores e dos seus alunos e atraí-los do estrangeiro, no quadro da “sociedade do conhecimento”⁴. No contexto da internacionalização transnacional e transcultural, a IES tem como objetivo cultivar todos os talentos dentro de uma visão global e de competitividade internacional, bem como produzir resultados de pesquisa científica incluindo uma dimensão internacional, para que tal país tome seu lugar (o melhor possível) no desenvolvimento dessa sociedade global, conhecida como sociedade do conhecimento.

Nota-se que, em cada universidade, a IES apresenta características de dependência⁵ das políticas nacionais com enfoque internacional. Recentemente, na República Popular da China (RPC), essa política nacional de cariz internacional é conhecida como “Novas Rotas da Seda”; ela visa melhorar significativamente o nível de abertura ao exterior na chamada “Nova Era”. Essa política deseja refletir o projeto de amizade, sinceridade, benefício mútuo e inclusão, utilizado pela diplomacia chinesa. Com efeito, essa iniciativa recebeu respostas positivas em muitos países. Nesse contexto, o número de instituições e projetos de educação cooperativa sino-estrangeira tem aumentado constantemente. A cooperação de ensino superior entre a China

¹ A expressão é recente no vocabulário do Ensino Superior, surgiu nos anos 1980-1990, estabilizada nos anos 2000 (Les stratégies d'internationalisation de l'enseignement supérieur, relatório da UNESCO, 2000).

² Ver, por exemplo, VERGER, Jacques. La mobilité étudiante au Moyen-Age. Histoire de l'éducation, n.50, p. 65-90, avril.1991.

³ Nota do Tradutor : Em francês, Enseignement supérieur et Recherche.

⁴ Ver DRUCKER, Peter Ferdinand. *The Age of Discontinuity*. 1. ed. New York : Harper and Row, 1969. A tese defendida é que, com a disseminação maciça da informação (sociedade da informação), o conhecimento e a inovação tornaram-se os fatores chave no desenvolvimento da sociedade e, em primeiro lugar, da economia.

⁵ Aqui podemos evocar a noção de “dependência de caminho”, *path dependance*, uma noção de origem econômica que expressa o fato de que o estado atual e as formas futuras de sistemas e agentes econômicos são altamente dependentes de decisões e escolhas do passado, criando ciclos de feedback e dificultando o acesso a outras rotas. Da economia, a noção se espalhou para outras áreas das ciências humanas.

e os países parceiros dessas “Novas Rotas da Seda” parece promover, em contrapartida, intercâmbios políticos e culturais, o que está em consonância com os objetivos seguidos pela IES.

As questões que aqui colocamos dizem respeito à articulação entre o nível nacional (macro), o nível provincial (meso) e o nível local (micro), neste caso sobre a política de ensino superior com enfoque internacional. Como a política da IES de uma universidade chinesa, tomada como exemplo, Universidade Pública de Yunnan (Yunnan National University), implantada em Kunming⁶, reflete as diretrizes centrais do estado chinês e como se encaixa mais particularmente, através das escolhas feitas pela Província de Yunnan da qual depende, no espaço geopolítico do Sul e Sudeste Asiático? Como ela gere a concorrência, que não deixa de surgir num ambiente contemporâneo particularmente competitivo, com outras universidades, nacionais e estrangeiras?

2 A estrutura geral da política estatal chinesa sobre a compreensão internacional e a IES

É necessário, para começar e entender completamente as questões, fazer algumas definições características da política chinesa contemporânea.

Nova Era: para a China, a “Nova Era” baseia-se na necessidade de mudanças, após a era Mao (1949-1976), nas tarefas estratégicas do país, no avanço do desenvolvimento e no aumento da influência internacional. O presidente Xi Jinping⁷ mencionou o termo “Nova Era” 36 vezes em seu relatório ao 19º Congresso Nacional do Partido Comunista da China (18 a 24 de outubro de 2017), explicando a nova direção do desenvolvimento da China a partir de três dimensões: histórica, sistêmica e internacional.

O conceito de “Nova Era” começou a entrar em vigor após o 18º Congresso Nacional do Partido Comunista Chinês de 2012. Na sequência da “Reforma” e da “Abertura” empreendidas por Deng Xiaoping⁸, a “Nova Era” caracteriza-se pela nova situação da sociedade e do mundo, e em particular pelo que se denomina na China “a mudança da principal contradição da sociedade”. De fato, de acordo com análises do governo, o país está passando da contradição entre as crescentes necessidades materiais e culturais do povo e a produtividade social “atrasada” para uma contradição entre as crescentes necessidades do povo por “uma vida melhor” e desenvolvimento real, mas ainda a ser melhorado. Essa “vida melhor” significa a satisfação das necessidades mais elevadas das pessoas nos campos não apenas econômico, mas também político, cultural, moral, estético. Durante este período, o projeto do Partido Comunista Chinês no poder é alcançar “a completa modernização do socialismo” até 2035 e, assim, tornar a China

⁶ Capital da província de Yunnan, 7 milhões de habitantes.

⁷ Presidente da RPC desde 2013.

⁸ Esse período de Reforma e Abertura durou globalmente de 1978 a 2012 (com interrupção em 1989 e retomada em 1992). Foi realizado por Deng Xiaoping, não oficialmente número 1 na RPC de dezembro de 1978 a junho de 1989.

um país socialista moderno, próspero, democrático, civilizado e harmonioso. A relação diplomática entre a China e o mundo deveria, assim, tomar uma nova direção, por meio da qual o país se tornaria um participante cada vez mais ativo na ordem internacional.

Novas Rotas da Seda: essa é, em continuação do que precedeu, uma iniciativa proposta pelo presidente Xi Jinping, por ele denominada “projeto do século” e formalizada a partir de 2013, inicialmente sob o nome de “um cinturão, uma estrada” (*One belt, one road*). Essa política de grande escala tem, antes de tudo, uma dimensão econômica, visando – através da construção de infraestruturas portuárias, aeroportuárias e ferroviárias em vários países com os quais foram assinados acordos, particularmente na Eurásia – promover a circulação de mercadorias e produtos entre a China e os países da Europa, sem negligenciar as áreas africanas que fazem fronteira com o Oceano Índico e outros países asiáticos. Esse é o resultado de uma estratégia que visa promover a cooperação entre os países parceiros deste programa, da qual, no que diz respeito à componente cultural, fazem parte a educação e, claro, o ensino superior; essa política promove, portanto, também a mobilidade estudantil entre esses países. Em 2022, a RPC assinou mais de 200 documentos de cooperação sobre as Novas Rotas da Seda com 68 países e 32 organizações internacionais (Rouiaï, 2023).

A política chinesa da IES e do incentivo à mobilidade internacional dos estudantes faz atualmente parte de orientações educacionais globais que incluem cinco componentes: vontade de manter a soberania educacional da China; redução das desigualdades entre as regiões; preferência dada às chamadas ciências “duras”; procura de um melhor equilíbrio entre o envio de estudantes para o estrangeiro e o acolhimento de estudantes estrangeiros (o que se pode designar por “estratégia mista”); vontade de manter um forte envolvimento com as sociedades ocidentais (Hugonnier, 2020).

De acordo com essa estratégia nacional do Estado chinês, as próprias províncias podem e devem desenvolver políticas específicas voltadas para a internacionalização da educação. Nessa perspectiva, a educação para a compreensão internacional é uma questão importante, porque essa educação ajuda a tecer laços entre as nações para alcançar – graças à formação de pessoas talentosas com um elevado espírito internacional - o plano de cidadania global, *global citizenship* (Nkake, 1996).

A vontade de estudar no exterior manifestada por estudantes chineses criou uma enorme demanda por educação em compreensão internacional. Nesse contexto, em 2016, mandado pelo Ministério da Educação, um grupo de pesquisa liderado pela Universidade Normal de Pequim publicou um quadro geral sobre “Competências Essenciais para o Desenvolvimento de Estudantes Chineses”. De acordo com esse documento, é necessário “ter uma consciência global e uma mente aberta, compreender o progresso da civilização humana e o desenvolvimento do mundo, respeitar a diversidade e as diferenças do multiculturalismo global e participar ativamente nos intercâmbios intelectuais, prestar atenção aos desafios globais que a humanidade

enfrenta e compreender a conotação e o valor de uma comunidade com um futuro compartilhado para a humanidade”. Trata-se, então, de implementar um programa de atividades educacionais que busque formar pessoas com uma visão global, e capazes de respeitar a diversidade das culturas do mundo, prestar atenção aos problemas globais, participar de assuntos internacionais e entender, respeitar e desenvolver seu próprio país e sua cultura nacional. Podemos nos referir aqui ao trabalho do pesquisador americano Bennett, segundo o qual existem pelo menos seis graus em uma escala de sensibilidade intercultural, variando – a zero grau – da negação de outras culturas à aceitação de diferenças, depois à adaptação e integração a uma outra cultura ou a várias outras (mais alto grau) (Bennett, 1996).

Muitas escolas chinesas e universidades embarcaram, assim, numa exploração da educação para uma compreensão internacional. De um modo geral, existem quatro principais meios de educação para a compreensão internacional nas escolas chinesas: o estabelecimento de cursos, formação de professores, práticas de intercâmbio e cooperação com o exterior e o estabelecimento de sistemas de avaliação.

Os cursos especializados abrangem as seguintes categorias:

- Cursos sobre os conhecimentos e as questões globais, focado na aprendizagem dos conhecimentos globais, incluindo novas questões próprias à “Nova Era”;
- Cursos de compreensão multicultural, voltados para cultivar a confiança dos alunos em sua própria cultura e a compreensão mútua com culturas estrangeiras;
- Cursos multilíngues;
- Curso centres especialmente sobre a “marca de campus”, ou seja, sobre a valorização da especificidade desta ou daquela Universidade, dotada de uma “marca” relevante de uma atividade de “branding”⁹.

A formação de professores pode ser feita na forma de “internacionalização *at home*”¹⁰. Escolas e universidades chinesas convidam professores estrangeiros a fornecer experiência transnacional aos professores locais, a fim de ampliar a visão e melhorar suas habilidades e qualidade geral. Vários departamentos de educação tomam medidas ativas para promover intercâmbios com países estrangeiros e também incentivam as escolas a acolher ativamente professores e alunos estrangeiros. Algumas cidades, como locais de experimentação, incentivaram as escolas a usarem a Internet para realizar várias formas de atividades de intercâmbio em rede.

Esses dispositivos não teriam valor se não fossem avaliados. A avaliação tem como foco os resultados da prática da educação para uma compreensão internacional, como des-

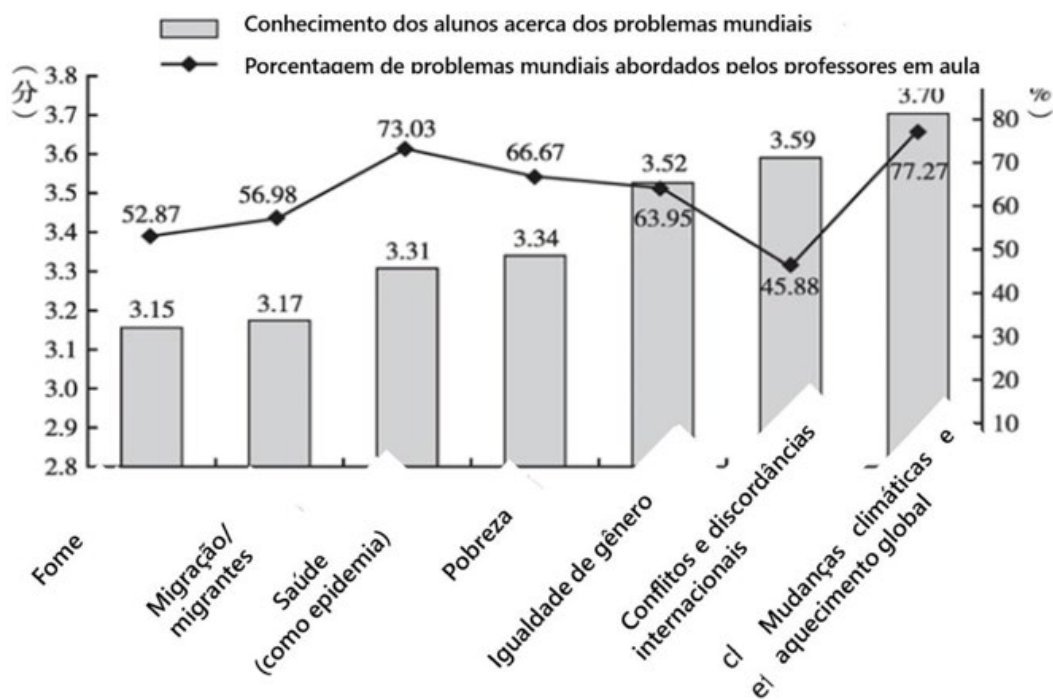
⁹ Trata-se de uma atividade importada do mundo empresarial pela qual uma organização (nesse caso uma universidade) define a sua estratégia de comunicação e promoção dos seus “produtos”, delimitando uma “marca”.

¹⁰ Internacionalização *at home* é o processo pelo qual estudantes e professores integram uma dimensão transnacional avançada em seus conhecimentos sem ir para o exterior, permanecendo em sua universidade.

critico acima. Dada a importância do assunto no contexto da “Nova era” e do programa “Novas Rotas da Seda”, uma pesquisa nacional (realizada entre 2 843 divisões administrativas no nível distrital¹¹) foi publicada em 2017 sobre a compreensão dos problemas mundiais. Para garantir a confidencialidade dos dados, o relatório que flui desta pesquisa anonimiza as províncias, distritos, escolas e indivíduos da amostra.

A compreensão dos problemas atualmente enfrentados pelo mundo é uma dimensão essencial para medir o nível de conhecimento e habilidades internacionais dos alunos. No geral, parece (ver Figura 1 abaixo) que a mudança e o aquecimento global são os problemas sobre os quais os professores e alunos chineses estão mais cientes, com uma média de 3,70 e um desvio padrão de 0,848. Embora estes sejam temas menos abordados pelos professores em sala de aula (45,88%), os alunos estão muito preocupados com conflitos e disputas internacionais (3,59), logo após as questões climáticas. Outros itens podem ser abordados com mais frequência em sala de aula, incluindo a igualdade de gênero (63,95%), mas um pouco menos preocupante (3,52). Seguem, na ordem de preocupação crescente, a pobreza, a saúde, a migração, a fome no mundo.

Figura 1 – Gráfico resumindo os resultados da pesquisa sobre o entendimento internacional na RPC (2017).



Fonte: National Bureau of Statistics of China.

¹¹ A China tem 34 províncias e 124 distritos, 333 divisões internas às províncias (regiões).

Outro aspecto da pesquisa também mostra que, entre os jovens, o entendimento internacional dos problemas está amplamente correlacionado ao nível do desenvolvimento socioeconômico regional, bem como da renda familiar. Em termos de recursos e esforços para uma melhor compreensão internacional, o Estado deve, portanto, concentrar-se mais nas áreas menos desenvolvidas e em grupos de estudantes de famílias economicamente menos abastadas. Os resultados da pesquisa também mostram que fatores como a educação dos pais e a experiência familiar no exterior têm um impacto significativo no nível de educação para uma compreensão internacional dos alunos.

3 Significado geral da IES, sua especificação na República Popular da China

A IES no sentido contemporâneo tornou-se popular gradualmente em todo o mundo a partir dos anos 1980-1990 (Knight, 2003). Anteriormente, os termos mais utilizados eram “educação internacional” e “cooperação internacional em pesquisa”. Posteriormente, pesquisadores do campo da educação superior começaram a declinar diferentes termos relacionados à internacionalização da educação, como educação multicultural, educação intercultural, educação global, educação a distância. A definição que nos propomos reter é a de De Wit e Hunter, ela própria inspirada na de Knight:

A internacionalização do ensino superior é um processo intencional que consiste em integrar uma dimensão internacional, intercultural ou global nos propósitos, funções e disseminação do ensino pós-secundário, com o objetivo de melhorar a qualidade do ensino e da pesquisa para todos os alunos e funcionários, bem como contribuir significativamente para a sociedade (De Wit; Hunter, 2015, p. 3).

Além disso, Soderqvist (2002) e Van der Wende (2007) consideram que a IES enfatiza o desenvolvimento de novas habilidades pessoais. Soderqvist afirma que a internacionalização representa: “[...] uma mudança do ensino superior nacional para o ensino superior internacional, levando à inclusão de uma dimensão internacional em todos os aspectos da sua gestão global, a fim de melhorar a qualidade do ensino e da aprendizagem e construir as competências desejadas” (Soderqvist, 2002, p.110). A dimensão internacional deve, doravante, ser parte integrante das competências (*skills*) visadas pelos cursos superiores e, portanto, do seu currículo.

Por sua vez, o pesquisador Francês Laurent Cosnefroy enfatiza as competências transversais que o ensino superior deve esforçar-se por desenvolver hoje: a par das competências cognitivas (tratamento e resolução de problemas), competências pessoais (reflexão crítica, responsabilização), competências interpessoais (trabalho em grupo, comunicação), competências acadêmicas tradicionais, insiste na competência intercultural, uma das mais

suscetíveis de ser aumentada pela IES (comportamento adaptado a situações interculturais) (Cosnefroy, 2020).

Como vimos na introdução, a internacionalização do ensino superior (IES) diz respeito principalmente aos Estados e, por meio de políticas nacionais e adaptações regionais, às próprias instituições acadêmicas. Na China, isso se traduz em uma chamada estratégia “mista” que consiste, em particular, em enviar estudantes para as melhores universidades estrangeiras, mas também atrair cada vez mais estudantes estrangeiros para os campi chineses, dependendo de suas especialidades.

Em 2010, pela primeira vez, em um texto sobre o planejamento do desenvolvimento da educação nacional na China, a noção de “internacionalização” foi explicitamente utilizada, além do objetivo de internacionalização do desenvolvimento do ensino superior também ser estabelecido. Este objetivo estratégico consiste em garantir o desenvolvimento internacional e proporcionar um espaço político favorável para a IES. Em 2016, o “*Parecer do Ministério da Educação sobre a promoção da ação educativa ‘um cinturão, uma rota’*”¹² promoveu amplamente a mobilidade entre a China e os parceiros do programa Novas Rotas da Seda.

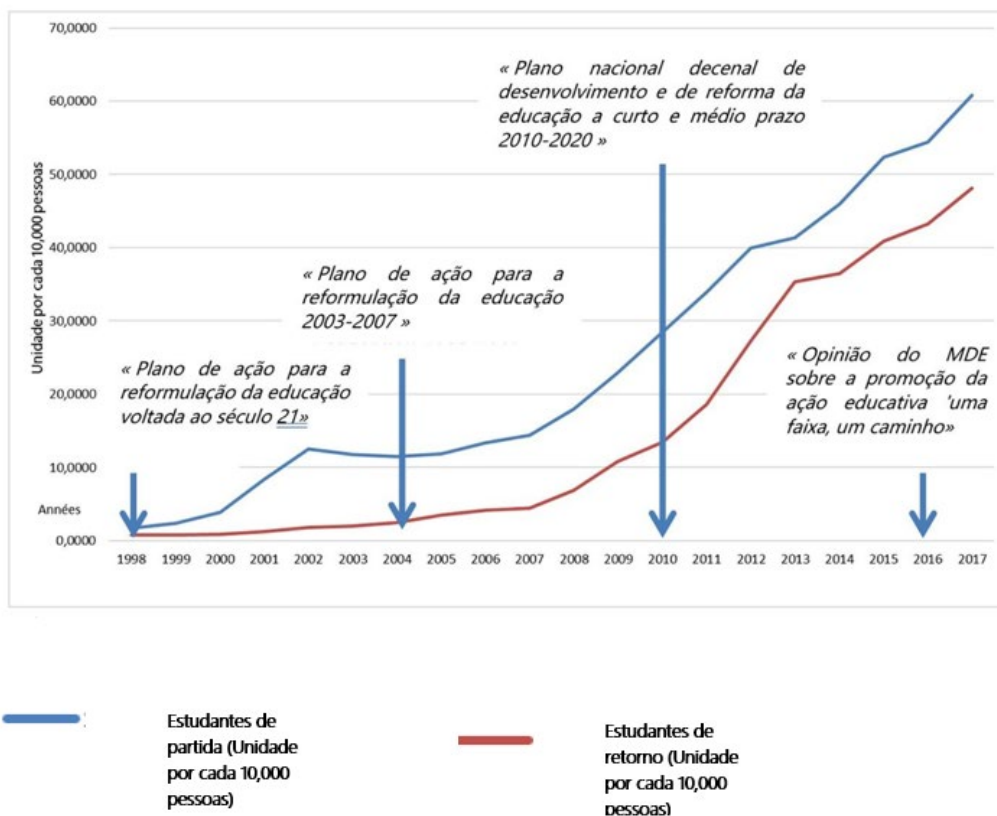
Como resultado, em 2017, o número de estudantes (financiados pelo Estado e autofinanciados) indo para o exterior ultrapassou 600.000 pela primeira vez graças a esse conjunto de medidas favoráveis. Ao desenvolver a educação e a abertura para o mundo exterior, a China tem cada vez mais “talento internacional”. Além das decisões políticas em si, foram publicadas dezessete leis e regulamentos relativos à gestão desse tipo de estudo; esses textos tratam de auxílio financeiro, política de retorno, gestão de agências e racionalização de estudos no exterior. Na mesma linha, foi criada uma agência especial, o Centro Nacional de Serviços de Estudo no Exterior. É responsável pela seleção, envio e gestão dos alunos, esforçando-se para prestar um serviço de qualidade. De acordo com Cheng Xi, a gestão chinesa de estudos no exterior mudou de uma gestão puramente administrativa para uma gestão política, orientada para a influência do país (Cheng, 1999).

Um ambiente de inovação empreendedora foi especialmente projetado para estudantes que retornam dos estudos no exterior. No final de 2017, existem 351 parques empresariais destinados a acolher suas competências e iniciativas (*Returned Overseas Students Pioneer Parks*), dos quais 49 estão localizados nas províncias; mais de 23.000 empresas, como *start ups*, estão instaladas nesses parques e 86.000 estudantes chineses trabalham lá; o valor da produção anual excede 10 mil milhões de yuans ¹³. Isso comprova a atenção muito particular dada às boas condições de retorno para estudantes formados no exterior.

¹² ‘OBOR’: “One belt, One road”, “um cinturão, uma rota”, projeto que se tornou hoje BRI, “Belt and Road initiative”, “Novas Rotas da Seda”, projeto iniciado pelo presidente chinês Xi Jinping. Ver acima.

¹³ Xinhua News [online]. Disponível em http://www.xinhuanet.com/2018-04/17/c_1122697495.htm. Acessado em 23 de setembro de 2023.

Figura 2¹⁴ – Evolução do número de estudantes chineses que saem para estudos no exterior e regressam (1998-2017)¹⁵



Fonte: National Bureau of Statistics of China (2017).

Durante os estudos, os alunos adquirem não apenas conhecimentos científicos e técnicos avançados, mas outras habilidades, incluindo habilidades interculturais. De fato, eles constroem relacionamentos interpessoais, o que, sem dúvida, os ajuda em suas carreiras posteriores. Eles realizam intercâmbios culturais entre a China e outros países; participam da integração multicultural internacional; desempenham o papel de “embaixadores” para disseminar a longa história e cultura da China; são um elemento do *soft power*. O “*soft power*” é um conceito definido por Joseph Nye, utilizado nas relações internacionais, que se refere à influência cultural e ideológica de um país. De acordo com Nye (2005), o “*soft power*” de um país baseia-se principalmente em três fontes: sua cultura, seus valores políticos e sua política externa. O “*soft power*” procura aumentar a valorização da cultura de um país de forma orgânica, em oposição à natureza mais poderosa do “*hard power*” (este último designando

¹⁴ National Bureau of Statistics of China (2017) [online]. Disponível em <http://data.stats.gov.cn/easyquery.htm?cn=C01>. Acessado em 23 de setembro de 2023.

¹⁵ Nota do tradutor: a diferença entre as 2 curvas, que têm o mesmo movimento ascendente, refere-se à diferença entre os alunos que saem e os que retornam. Linha azul: estudantes chineses que deixam o país. Curva vermelha: estudantes chineses que retornam ao país.

a maneira forte, uma maneira de impor sua vontade por meios militares ou econômicos); ele usa uma combinação de atração e persuasão para alcançar o resultado esperado. O “*hard power*” ameaça, enquanto o “*soft power*” encoraja (Stetar, 2010). Expressa a influência de um país através da política, da diplomacia e, no domínio do ensino superior, através da “mobilidade estudantil”, quer através da presença dos seus estudantes mais talentosos no estrangeiro, quer através da vontade dos estudantes estrangeiros de irem ali.

Assim, na perspectiva de sua estratégia internacional mista de “sair para” e ao mesmo tempo “acolher”, a China experimentou, entre 2010 e 2015, um aumento de 75% de estudantes estrangeiros em seu solo.

Em outro nível (cultural e epistemológico) e do ponto de vista chinês, Yang Rui (2014) pode enfatizar que as definições clássicas da IES são apenas adaptadas à experiência ocidental. Esse pesquisador acredita que a IES nas sociedades não-ocidentais necessariamente toca em problemas espinhosos e tensões entre ocidentalização e “indigenização”, ou seja, a cultura peculiar aos países não-ocidentais há muito dominados. Yang considera que o limite da definição ocidental da IES será cada vez mais importante, dado o crescente peso do ensino superior, especialmente na Ásia, e que uma nova definição da IES é necessária, menos normativa e menos ligada às culturas e políticas ocidentais, permitindo que todos os países tenham uma base comum mais integradora dos valores, filosofia e cultura dos países não ocidentais. Nessa perspectiva, o pesquisador português Antonio Teodoro fala da necessidade de diálogo entre diferentes epistemologias (incluindo as chamadas epistemologias do sul) e “*processo de descolonização epistemológica*” (Teodoro, 2020). A vontade política da China parece ser, em termos de IES, tanto para se encaixar na paisagem globalizada, reconhecendo suas normas dominantes, quanto, ao mesmo tempo, para afirmar seus interesses, seus aspectos específicos, sua história, sua cultura e seus próprios valores (seu *soft power*). Assim, em abril de 2022, o presidente Xi Jinping, durante sua visita à Universidade Popular da China, incentivou as universidades a estabelecerem seu próprio sistema de avaliação, afirmando que não é obrigatório seguir o sistema ocidental ou adotar modelos ou normas estrangeiras (Lefebure, s/d). Em 9 de maio de 2022, a Universidade Popular da China anunciou que não forneceria mais dados às agências internacionais de avaliação universitária.

Vejamos agora, em uma segunda parte, como, no âmbito da política geral do Estado chinês, uma universidade particular, a de Yunnan, está tomando medidas para implementar a IES, para afirmar simultaneamente uma “epistemologia” menos subserviente ao modelo ocidental ainda dominante e para destacar as especificidades locais, ligadas ao seu espaço geográfico e sua história.

4 Níveis meso e micro: o lugar das IES em uma universidade provincial com uma vocação internacional específica - O exemplo da província e da Universidade de Yunnan

Em conexão com as recomendações e diretrizes nacionais das quais acabamos de ver alguns aspectos, como uma província chinesa implanta, de acordo com suas particularidades geográficas e históricas, uma estratégia para o entendimento internacional e a IES? Localizada no sul da China (veja o mapa 1 abaixo), a Província de Yunnan, porque estava relativamente distante de uma grande metrópole internacional, experimentou um desenvolvimento econômico e social atrasado se comparado ao nível médio da China. Mais recentemente, com a implementação da política das “Novas Rotas da Seda”, a província de Yunnan tornou-se um centro de abertura para o sul e sudeste da Ásia, usando a sua localização geográfica particular fronteira com esses países, e remobilizando a sua tradição histórica de intercâmbios amigáveis com eles. Aproveitando ao máximo essas vantagens, os governos centrais e provinciais orientam e incentivam as universidades a se internacionalizarem, desenvolvendo políticas de abertura ao mundo exterior, de modo a promover o desenvolvimento contínuo da IES.

Mapa 1: Localização da província de Yunnan



A Universidade pública de Yunnan substituiu a Universidade privada de Donglu, fundada por Tsang Jiyao em 1922. Este último já enfatizou que a Universidade Donglu deve ser uma universidade para todo o Leste Asiático, e não apenas uma universidade na província de Yunnan.

De acordo com Wang (2015), o desenvolvimento da IES propriamente dita começou relativamente tarde em Yunnan, o que pode ser resumido em três etapas:

- Antes de 1986 (estágio de desenvolvimento ‘natural’): dado o desenvolvimento econômico, social e educacional relativamente tardio, era difícil para a província de Yunnan alcançar a IES, mas a internacionalização dos intercâmbios de ensino superior privado abriu caminho para uma fase de desenvolvimento.
- 1986-2006 (desenvolvimento ‘lento’): em 1986, a Universidade de Yunnan recrutou o primeiro grupo de estudantes estrangeiros, que constituiu o prelúdio para uma verdadeira internacionalização na província de Yunnan. Várias universidades do território, incluindo “Universidade de Yunnan”, “Universidade Normal de Yunnan”, “Universidade de Ciência e Tecnologia de Kunming” e “Universidade de Finanças e Economia de Yunnan”, aprofundaram a cooperação sino-estrangeira no campo da educação. No entanto, devido à diferença entre as políticas nacionais e a implementação local, as universidades que haviam realizado o desenvolvimento da educação cooperativa com o estrangeiro foram forçadas a encerrar o projeto.
- De 2006 até hoje (desenvolvimento ‘rápido’): nos primeiros anos do século XXI, o processo de integração do ensino superior provincial desenvolveu-se rapidamente. À medida que a construção do “Acordo de Livre Comércio China-ASEAN¹⁶” ganhava destaque, a Cooperação Econômica da Sub-região do Grande Mekong também estava crescendo. Neste contexto, a Província de Yunnan, localizada na fronteira sudoeste da China, encontrou, devido a essa localização geográfica agora estratégica, uma oportunidade de desenvolvimento num ambiente político favorável. A fim de aproveitar plenamente esta oportunidade histórica, os governos de Yunnan iniciaram então é uma série de políticas e regulamentos para promover o desenvolvimento em muitas áreas, particularmente a do ensino superior.

A estratégia da IES específica a um país, uma região, uma instituição acadêmica é indissociável da realidade do desenvolvimento econômico e cultural. Não é necessário apenas cumprir a lógica de desenvolvimento atual e a realidade existente, mas também definir objetivos e especificar as novas orientações que queremos promover. No seu caso particular, Yunnan procura tornar-se uma província modelo de solidariedade nacional e étnica,

¹⁶ ASEAN: Associação das Nações do Sudeste Asiático.

pioneira na conservação ecológica e um centro do Sul e Sudeste Asiático, que delimita a sua “segmentação regional”. Em um recente documento do governo “14º plano quinquenal para o desenvolvimento do ensino superior na província de Yunnan” (2021, nº 64), a Seção 6 propõe claramente fortalecer os intercâmbios e a cooperação internacional e, assim, construir uma nova página para o ensino superior.

Essa diretiva indica que é necessário continuar a expandir a escala do comércio e, portanto, aprofundar a cooperação com os países parceiros das “Novas Rotas da Seda”, em particular os países do Sul e Sudeste Asiático e a orla do Oceano Índico. O governo apoia financeiramente universidades e escolas em Yunnan em áreas como intercâmbio de professores e estudantes, reconhecimento mútuo de ‘créditos’ universitários¹⁷, diplomas conjuntos (entre duas ou mais universidades), cooperação em pesquisa científica. Em um esforço para tornar Yunnan um destino importante para estudantes internacionais “excepcionais” do sul e sudeste da Ásia e orla do Oceano Índico, a região pode usar vários fundos nacionais de ajuda e bolsas de estudo do governo. O objetivo é, de fato, fortalecer a popularidade e a influência de Yunnan na área geográfica em questão e criar uma “marca” internacional “estudar em Yunnan”¹⁸: assim, a noção de “*soft power*”, que caracteriza o desejo de influência cultural dos estados em todo o mundo, também encontra sua tradução regional no nível da província de Yunnan.

Em setembro de 2003, essa província promulgou um primeiro regulamento focado na mobilidade de estudantes do exterior: “Medidas administrativas provisórias para o acolhimento de estudantes internacionais na província de Yunnan” (nº 16)¹⁹. Foram estabelecidos regulamentos abrangentes específicos em termos de sistema de gestão, matrícula de estudantes internacionais, gestão de educação, vistos e vida diária, para estudantes que viajam para Yunnan. Um capítulo separado sobre “países vizinhos” menciona que os padrões para aceitar alunos estrangeiros foram abrandados e que as bolsas de estudo do governo provincial de Yunnan foram criadas.

Como os efeitos dessas políticas foram marcadamente positivos, o número de estudantes estrangeiros do Sudeste Asiático em Yunnan está aumentando ao longo dos anos. De acordo com dados publicados pelo Departamento Provincial de Educação de Yunnan, os estudantes internacionais do Sudeste Asiático representam atualmente mais de 70% do número total de estudantes internacionais em Yunnan; eles vêm principalmente de Mianmar, Tailândia, Vietnã, Laos e Camboja. Com a implementação da iniciativa “Novas

¹⁷ Tal como as ECTS na Europa, o European Credit Transfer, permitindo o reconhecimento de diplomas em vários países.

¹⁸ Ver acima nossos esclarecimentos sobre a importância do conceito de marca (branding), nota 13.

¹⁹ Office of international Cooperation and Exchange. <http://jlc.peuni.cn/info/1100/1179.htm>. Acessado no 1 de outubro de 2023.

Rotas da Seda” e da estratégia “Bridgehead”²⁰, o número de estudantes do sul da Ásia para Yunnan se aproximará gradualmente ou mesmo ultrapassará o de países do sudeste asiático (Cui, 2019).

A fim de promover melhor essa estratégia de abertura ao exterior, o governo municipal da capital provincial Kunming investiu mais de 13 bilhões de yuans (cerca de 1,8 bilhão de euros) para construir, no distrito de Chenggong, uma cidade universitária de 43,15 quilômetros quadrados, que fica a 24 quilômetros do centro da cidade. Esta cidade universitária inclui as dez principais universidades de Kunming, com a Universidade de Yunnan, sem dúvida, a mais importante. A construção dessa cidade criou condições favoráveis à cooperação e à partilha de recursos entre as universidades. Esse tipo de concentração geográfica e recursos materiais obviamente visa criar um maior poder de atração. Em 2018, entre as 10 melhores províncias e cidades da China que hospedam mais estudantes internacionais, a província de Yunnan ficou em nono lugar²¹, ou seja, não tem uma classificação excepcional, mas ficou, ainda assim, nesse grupo dos ‘10 melhores’.

A estratégia ‘mista’ que mencionamos acima em nível nacional encontra uma ilustração em nível regional: em de julho de 2007, o Comitê Provincial de Yunnan e o Governo Provincial de Yunnan publicaram conjuntamente “Alguns pareceres sobre o fortalecimento da implementação da estratégia de ‘saída’ para instituições de ensino superior e melhoria do nível de internacionalização do ensino superior” (documento chamado “Estratégia de saída 2007”), promovendo o estudo de graduandos chineses no exterior.

A internacionalização, portanto, aparece claramente como uma função que se soma às três funções tradicionais de ensino, pesquisa científica e serviço social nas universidades. Com o apoio das autoridades provinciais, as universidades da província de Yunnan se esforçam para satisfazer as necessidades estratégicas nacionais, expandir a cobertura dos intercâmbios internacionais, melhorar a qualidade do ensino superior e servir melhor a estratégia do país para desenvolver o programa “Bridgehead” de abertura ao sudeste.

A política de IES da Universidade de Yunnan está articulada com a do governo provincial, adaptando-se ela própria à estratégia nacional. Ela seguiu, ‘lentamente’ e depois ‘rapidamente’, as tendências no desenvolvimento do ensino superior na China (especialmente desde que ela se tornou uma das primeiras universidades a ser membro do “Projeto

²⁰ Esse termo em inglês é, por si só, eloquente, uma vez que designa uma “cabeça de ponte”. O programa “Bridgehead” é um programa lançado pelo Departamento Provincial de Educação de Yunnan que designa o início de uma nova estrada, um lugar muito importante do ponto de vista político e militar. Ele fez dessa província uma cabeça de ponte avançada para os países do sul e sudeste da Ásia.

²¹ Ministry of Education of the People’s Republic of China. 80.786 em Pequim, 61.400 em Xangai, 45.778 em Jiangsu, 38.190 em Zhejiang, 27.879 em Liaoning, 23.691 em Tianjin, 22.034 em Guangdong, 21.371 em Hubei, 19.311 em Yunnan e 19.078 em Shandong. http://www.moe.gov.cn/jyb_xwfb/gzdt_gzdt/s5987/201904/t20190412_377692.html. Acessado em 7 de outubro de 2023.

211” em 1996²²). Acelerou a sua internacionalização para implementar orientações políticas nacionais e servir o desenvolvimento econômico e social da província. Em abril de 2012, publicou um documento reconhecendo oficialmente a internacionalização como uma de suas principais estratégias de desenvolvimento.

Sendo a única universidade de Yunnan selecionada no programa nacional de “Primeira Classe Dupla”²³, a Universidade de Yunnan pretende, portanto, desempenhar um papel ativo na promoção da IES. Em 26 de novembro de 2017, lançou e organizou o Fórum de Reitores das Universidades do Sul e Sudeste Asiático, que contou com a presença de diretores e representantes de escolas de 20 universidades desses países e 30 universidades nacionais²⁴. A universidade foi nomeada pelo Ministério da Educação como secretaria chinesa desse “Fórum de Reitores da Universidade China-ASEAN” e propôs a criação da “Aliança Universitária China-Ásia do Sul e Sudeste Asiático” para construir uma plataforma regional de intercâmbio e cooperação, a fim de construir uma comunidade regional de ensino superior.

A universidade de Yunnan participa em outras redes como GMSTEC (Greater Mekong Sub-region Tertiary Education Consortium), GMSARN (Greater Mekong Sub-region Academic and Research Network) e AUAP (Association of Universities of Asia And The Pacific). Ela também possui parceiros em mais de 100 países, fora de sua área de influência específica. Ela estabeleceu um “Centro de Intercâmbio Cultural China-Coreia do Sul” com a Universidade Feminina de Sookmyung, um “Colégio Macquarie da Universidade de Yunnan” com a Universidade Macquarie na Austrália e um “Centro de Inovação da Universidade de Yunnan-Tel Aviv” com a Universidade de Tel Aviv. Tem relações com a rede chinesa de Institutos Confúcio, que discutiremos mais adiante.

Em 2011, a Universidade de Yunnan foi uma das primeiras a receber financiamento no âmbito do Plano de Engenharia de Inovação da Universidade e do Programa de Alto Nível para Jovens Talentos Estrangeiros. Assim, devido ao grande número de bolsas de estudo fornecidas pelo governo chinês, pelo governo provincial de Yunnan e pelo Instituto Confúcio, mais e mais estudantes internacionais chegam a cada ano. A universidade agora tem 1.600 estudantes internacionais de um total de 20.000, dos quais 18,25% são de bolsas de estudo e 33,26% são candidatos à graduação. Conforme sua política declarada,

²² Esse projeto governamental já visava fazer emergir uma centena de universidades de “excelência” no século XXI em torno de temas prioritários de formação e pesquisa.

²³ 双一流, “Double First Class” (primeira classe dupla): este termo refere-se ao duplo status de excelência, tanto no nível universitário quanto no nível disciplinar, como parte da iniciativa chinesa de fortalecer a reputação de excelência de certas instituições e disciplinas acadêmicas. Há uma competição entre as universidades chinesas por esse status.

²⁴ Conf. South & Southeast Asian University Network, 2023. Disponível em: http://www.sseaun.ynu.edu.cn/2017-11/27/c_679482.htm. Acesso em: 16 de outubro de 2023.

a gestão busca implementar uma estratégia de participação plena que permitirá que o número de estudantes internacionais chegue a 3.000 em três a quatro anos. Também está desenvolvendo programas conjuntos de bacharelado, mestrado e doutorado com universidades no sul e sudeste da Ásia.

A Universidade de Yunnan também se esforça para apresentar professores e especialistas estrangeiros de alto nível. Ao mesmo tempo, ajuda seus professores a solicitarem financiamento do governo para participar de projetos de formação no exterior. Atualmente, mais de 50% dos seus professores passaram por formação no exterior.

Tudo parece ser o melhor dos casos. No entanto, não mais do que qualquer outra, a Universidade de Yunnan não escapa à concorrência e deve enfrentar os problemas relacionados a ela. A concorrência primeiro tem um aspecto nacional. Em 2019, o governo chinês lançou o chamado programa “Primeira Classe Dupla”, “Double First Class”²⁵. As universidades selecionadas em projetos recebem apoio financeiro e político adicional e suplementar do Estado²⁶. Na seleção desses projetos, a IES é usada como um importante indicador de avaliação para medir o alcance internacional. A ênfase é colocada em particular na “avaliação dos intercâmbios e cooperação internacionais, eficácia e influência, a coordenação de recursos nacionais e estrangeiros, a melhoria do nível de formação de talentos e pesquisa científica, a contribuição da capacidade do país de se abrir para o mundo exterior, a fortalecer intercâmbios e cooperação internacionais através de múltiplos canais”.

A julgar pela lista de universidades selecionadas no grupo “Primeira Classe Dupla”, a Universidade de Yunnan aparece abaixo de universidades concorrentes de acordo com indicadores de avaliação, como desempenho em pesquisa e em docência. É finalmente graças à sua localização geográfica que esteve entre os escolhidos neste programa de “Primeira Classe Dupla”, pois representa o mais alto nível de educação da China no Sudeste Asiático e é responsável por atrair talentos excepcionais e expandir a influência do ensino superior chinês nesta região. O governo central aumentou o seu investimento na construção de infraestruturas nessa área para promover o comércio entre a província de Yunnan e os países do Sudeste Asiático. Como a única universidade de primeira classe na província, a Universidade de Yunnan também recebeu um forte apoio financeiro do governo provincial. Isso mostra que, como parte da competição, “o dinheiro sempre vai em direção ao dinheiro”.

Internacionalmente, a pressão competitiva para a Universidade de Yunnan se internacionalizar vem principalmente de outras universidades do Sudeste Asiático. Em termos do estatuto dos países membros da Cooperação Econômica da Sub-região do Grande

²⁵ Vide a apresentação inicial acima, nota 40.

²⁶ Da mesma forma, a França tem um programa IDEX (Iniciativa para a Excelência) que coloca as universidades em competição umas com as outras com base em projetos para obter mais recursos.

Mekong, as instituições de ensino superior tailandesas e indianas demonstram excelência em certas disciplinas que se baseiam em pesquisas científicas muito avançadas (no campo da informática em particular). Por sua vez, a Universidade de Yunnan não é uma universidade de pesquisa altamente especializada e seu nível de pesquisa científica não é muito competitivo, inclusive na China.

Além disso, a abertura do mercado de educação privada na província de Yunnan e a introdução de recursos educacionais estrangeiros têm um impacto na matrícula na universidade que pode ser colocado em dificuldade. Por fim, o êxodo de talentos é, como em todos os lugares, uma perda para a Universidade, em um ambiente econômico competitivo em termos de empregos e salários, alguns estudantes (mesmo que em minoria) não retornam do exterior.

O *soft power* foi oficialmente adotado como uma política de princípios pelo governo chinês no 17º Congresso Nacional do Partido Comunista Chinês em 2007. Rouiaï (2018) observa que a política chinesa não usa mais apenas os elementos tradicionais do poder estatal, mas conta com as ferramentas do *soft power* para apresentar um rosto aceitável, até mesmo acolhedor e atraente. A ambição da China de ascender à vanguarda entre as potências mundiais só pode ser alcançada através da produção e disseminação de representações simbólicas e imaginárias aceitáveis e desejáveis em escala global. Desse ponto de vista, os Institutos Confúcio que estão se desenvolvendo em todo o mundo parecem ser ferramentas para promover e valorizar a cultura, a língua, a história e a filosofia chinesas no exterior. Eles foram criados já em 1987 no modelo dos Goethe-Instituts e da Alliance Française, como instituições culturais sem fins lucrativos. Entre os 525 Institutos Confúcio no mundo, os da Universidade de Yunnan não encontraram problema e não foram criticados como foram seus homólogos na Europa; eles até se desenvolveram nos últimos anos. Pelo intermédio dos três institutos que criou, a Universidade de Yunnan coopera com a Universidade de Teerão (Irão), a Universidade de Daca e a Universidade Norte-Sul do Bangladesh. Ela também opera uma sala de aula Confúcio em Mandalay (Mianmar). Na Índia, a Universidade de Yunnan ajuda a Universidade de Visva-Bharati a desenvolver-se; diz que está pronta para cooperar com universidades no Sul e Sudeste Asiático para criar outros institutos Confúcio.

Sob o efeito combinado de três razões principais (geografia, minorias étnicas comuns com países vizinhos, estabelecimento de uma plataforma de cooperação para universidades transnacionais), o Instituto Confúcio da Universidade de Yunnan não foi alcançado – na zona asiática - pela mesma onda de críticas do que na Europa e na América do Norte, mas entendemos que esse meio de influência contém sementes de possível contestação²⁷.

²⁷ Desde 2020, os Institutos Confúcio foram boicotados por alguns países. Os Estados Unidos os veem como “missionários estrangeiros” em vez de instituições educacionais. Em 31 de outubro de 2021, a Ministra

Conclusão

A intenção da IES, exibida em primeiro lugar, de melhorar a qualidade e a excelência do ensino superior e da pesquisa é confirmada nos conteúdos das políticas realizadas pelos estados, províncias ou regiões e por funcionários da universidade em nível local, como acabamos de ver nos diferentes níveis para a China e a Universidade de Yunnan. A IES é apresentada pela primeira vez sob o aspecto de um componente cooperativo; ao mesmo tempo, participa, para cada país ou instituição de ensino superior que a carrega, em uma afirmação de seu “*soft power*” como influência cultural e aumenta sua influência no exterior (na encruzilhada de valores culturais, valores políticos e política externa). Em outras palavras, parece que a IES pode ser atravessada por diversas tendências, mais ou menos em rivalidade, ainda que não sejam totalmente incompatíveis entre si.

Entre essas tendências, também notamos o envolvimento em uma competição, através da ação da Universidade de Yunnan para obter, diante de outros, um lugar no programa “Primeira Classe Dupla” e desenvolver seus Institutos Confúcio no exterior. É certo que a integração da dimensão internacional e intercultural nas políticas de ensino superior tem como projeto fundamental melhorar a qualidade do ensino e da pesquisa e contribuir de forma mais geral para o aumento dos recursos da sociedade do conhecimento a nível global. No entanto, a estratégia de cooperação e entendimento internacional não escapa à noção de competição contra o pano de fundo da competição econômica no mundo globalizado de orientação neoliberal. No contexto atual, a competição para recrutar estudantes internacionais está se tornando mais aguda, e constitui, como vimos, um critério de avaliação para atribuir créditos às universidades mais bem colocadas nesse campo, como é o caso da Universidade de Yunnan.

Essa orientação com dupla polaridade (cooperação/competição) não é contraditória, mas desde que permaneça dentro de certos limites: uma ênfase excessiva no aspecto competitivo poderia levar a uma perda de valores e tradições, a uma diminuição dos objetivos humanísticos do ensino superior. Como diz Stamenka Uvalic-Trumbic,

[...] surge a questão de saber se [...] a concorrência internacional se torna mais importante do que a cooperação internacional [...]. Embora a responsabilidade social seja um dos termos-chave nas várias estratégias dos representantes universitários [...] muitas vezes o discurso sobre competição e competitividade permanece prevalente (Uvalic-Trumbic, 2020, p.63).

Federal da Educação da Alemanha, Anja Karliczek, exigiu o fechamento de todos os Institutos Confúcio na Alemanha. “Não quero a influência do governo chinês em nossas universidades e nossa sociedade”, disse Anja Karliczek, “demos muito espaço a esses Institutos Confúcio e não fizemos o suficiente para construir expertise na Alemanha sobre a China”. Depois da Alemanha, a Suécia fechou a porta do último Instituto Confúcio em seu solo, a Noruega fez o mesmo.

É claro que, em nossa opinião, é o aspecto da cooperação internacional que deve ser primário. Ao nível da China, da Província de Yunnan e da Universidade de Yunnan, também vimos um novo ímpeto na política de ensino superior graças ao quadro político da “Nova Era” e das “Novas Rotas da Seda”. Em particular, o governo chinês quer estabelecer, nas relações internacionais, “confiança cultural”, e para isso deve seguir em grande parte a tendência e os padrões dominantes em vigor em todo o mundo; cabe às autoridades provinciais e locais, em certa medida, afirmar, de acordo com sua localização geográfica e suas especificidades, uma característica específica (uma “epistemologia” parcialmente distinta da epistemologia dominante) como a aliança de Yunnan com as universidades do sul e sudeste da Ásia tende a mostrar.

A UNESCO enfatiza, com razão, os benefícios das políticas da IES não pensadas exclusivamente em termos de concorrência ou lucratividade. A educação para a cidadania global (*global citizenship education*), que está em jogo aqui:

[...] visa equipar os alunos de todas as idades com os valores, conhecimentos e competências que incutem os princípios em que se baseiam, nomeadamente o respeito pelos direitos humanos, justiça social, diversidade, igualdade de género e sustentabilidade ambiental, e que os capacitam para serem cidadãos globais responsáveis” (Unesco, 2015, p. 37).

São esses bens comuns, o “princípio da humanidade comum”, os “bens comuns globais” (*global commons*, segundo a expressão de Antonio Teodoro (2020)), bens extremamente preciosos, que devem ser constantemente desenvolvidos graças à IES.

REFERÊNCIAS

- BENNETT, Milton James. Towards Ethnorelativism: a developmental model of intercultural sensitivity. IN: PAIGE, R.Michael. (Org.) **Cross-cultural Orientation: New Conceptualizations and Applications**. New York: University Press of America, 1986.
- CHENG, Xi. Le développement de la politique sur l'élection des étudiants pour l'études à l'étranger depuis la Réforme et l'Ouverture (改革开放以来中国政府选派留学生的政策沿革). **Overseas Chinese History Studies**, Beijing, n.1, 1999, p. 37-44.
- COSNEFROY, Laurent. L'impact de l'internationalisation sur les étudiants. IN: COSNEFROY, L. et al. (Orgs.) **L'internationalisation de l'enseignement supérieur**. Bruxelles: De Boeck, 2020.
- CUI, Yan Qiang ; LI, Yu Mei. Internationalization of Universities in the Context of the Belt and Road Initiative. **Journal of Teacher Education**, Chongqing, n.1, 2019. p. 83-91.
- DE WIT, Hans; HUNTER, Fiona. The Future of Internationalization of Higher Education in Europe. **International Higher Education**, [S. l.], n. 83, p. 2–3, 2015. DOI: [10.6017/ihe.2015.83.9073](https://doi.org/10.6017/ihe.2015.83.9073). Disponível em: <https://ejournals.bc.edu/index.php/ihe/article/view/9073>. Acesso em: 22 jun. 2024.
- DRUCKER, Peter Ferdinand. **The Age of Discontinuity**. New York: Harper and Row, 1969.
- HUGONNIER, Bernard. Stratégies et politiques des Etats en matière d'Internationalisation de l'Enseignement supérieur IN: COSNEFROY, Laurent et al. (Orgs.) **L'internationalisation de l'enseignement supérieur**. Bruxelles: De Boeck, 2020.
- KNIGHT, Jane. Updated Definition of Internationalization. **International Higher Education**, [S. l.], n. 33, 2003. DOI: [10.6017/ihe.2003.33.7391](https://doi.org/10.6017/ihe.2003.33.7391). Disponível em: <https://ejournals.bc.edu/index.php/ihe/article/view/7391>. Acesso em: 22 jun. 2024.
- LEFEBURE, Alessia. Les universités chinoises vont-elles quitter les classements internationaux ? **Blog The Conversation**. 31 de maio de 2022. Disponível em: <https://theconversation.com/les-universites-chinoises-vont-elles-quitter-les-classements-internationaux-183151>. Acessado em 1 de outubro de 2023.
- CHINA. **Ministry of Education of the People's Republic of China**. Pequim. Disponível em: http://www.moe.gov.cn/jyb_xwfb/gzdt_gzdt/s5987/201904/t20190412_377692.html. Acessado em 7 de outubro de 2023.
- CHINA. **National Bureau of Statistics of China** [online]. [2017] Disponível em <http://data.stats.gov.cn/easyquery.htm?cn=C01>. Acessado em 23 de setembro de 2023.
- NKAKE, Lucie Mamie Noor. **L'éducation à la compréhension internationale**. Genève: BIE, 1996.
- NYE, Joseph. Soft power and higher education. IN: **Forum for the future of higher education (Archives)**. 2005. p. 11-14.

CHINA. **Office of international Cooperation and Exchange**. Disponível: <http://jlc.peuni.cn/info/1100/1179.htm>. Acesso em 1 de outubro de 2023.

ROUIAÏ, Nashidil. Nouvelles routes de la soie, Belt and road initiative. [S.l]: **Geoconfluences**, 2018. Disponível em: <http://geoconfluences.ens-lyon.fr/glossaire/routes-de-la-soie>. Acessado em: 13 de setembro 2023.

RUI, Yang. China's Strategy for the Internationalization of Higher Education: An Overview. **Frontiers of Education in China**, Beijing, n.2, 2014. p. 151-162.

SODERQVIST, Minna. **Internationalization and its management at higher-education institutions**: Applying conceptual, content and discourse analysis. 2002. Tese (Doutorado Economia). Helsinki School of Economics. Helsinki, 2002. Disponível em: <https://aaltodoc.aalto.fi/items/98c39a2a-e17e-4882-8e73-92b54f10225d>. Acessado em: 22 de junho de 2024.

SOUTH & SOUTHEAST ASIAN UNIVERSITY NETWORK, 2023. Disponível em: http://www.sseaun.ynu.edu.cn/2017-11/27/c_679482.htm. Acesso em: 16 de outubro de 2023.

STETAR, Joseph. et al. Soft Power Strategies: Competition and Cooperation in a Globalized System of Higher Education. IN: PORTNOI, Laura. M. et al. (Orgs.) **Higher Education, Policy, and the Global Competition Phenomenon**. New York: Palgrave Macmillan, 2010. p.191-203.

TEODORO, A. Conclusion. In:_____ **Contesting the global development of sustainable and inclusive education**. New York : Routledge, 2020.

TEODORO, Antonio. The University as Contested Field: Sketching Possible Futures. In: **Contesting the Global Development of Sustainable and Inclusive Education**, New York : Routledge, 2020.

UNESCO. **Educação para a cidadania global: preparando alunos para os desafios do século XXI**. -Paris: UNESCO, 2015. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000230062>. Acessado em: 22 de junho de 2024.

UVALIC-TRUMBIC, Stamenka. Les moyens de l'internationalisation. In: COSNEFROY, Laurent ; DE KETELE, Jean-Marie ; HUGONNIER, Bernard et al. (Orgs.) **L'internationalisation de l'enseignement supérieur**. Bruxelles : De Boeck, 2020.

VAN DER WENDE, Marijk. Internationalization of Higher Education in the OECD Countries: Challenges and Opportunities for the Coming Decade. **Journal of Studies in International Education**, New York, n. 11, 2007. p.274-289.

VERGER, Jacques. La mobilité étudiante au Moyen-Age. **Histoire de l'éducation**, n.50, avril.1991. p. 65-90.

VERGER, Jacques. La mobilité étudiante au Moyen Âge. **Histoire de l'éducation**. n° 50, 1991. Éducatons médiévales. L'Enfance, l'École, l'Église en Occident. Ve-XVe siècles, sous la direction de Jacques Verger. pp. 65-90. Disponível em: https://www.persee.fr/issue/hedu_0221-6280_1991_

[num_50_1?sectionId=hedu_0221-6280_1991_num_50_1_2494](#). Acessado em: 22 de junho de 2024.

WANG, Li Juan et al. Research on the Policy Support System of Higher Education Internationalization in Yunnan Province under the “Bridgehead” Strategy. **China Management Informationization**. Changchun ,n.4, 2015. p. 234-235.

Xinhua News [online]. Disponível em http://www.xinhuanet.com/2018-04/17/c_1122697495.htm. Acessado em 23 de setembro de 2023.

Recebido em novembro/2023 | Aprovado em abril/2024

MINIBIOGRAFIA

Meijuan Lu

Doutora em Educação. Université Lumière Lyon 2, Unité de Recherche Education, Cultures, Politiques (ECP). Lyon, Auvergne-Rhône Alpes (ARA) - France. E-mail: lvmeijuan9011@gmail.com

Jing Zhao

Doutor em Educação. Université Lumière Lyon 2, Unité de Recherche Education, Cultures, Politiques (ECP). Lyon, Auvergne-Rhône Alpes (ARA) - France. E-mail: xiaozhao3@hotmail.com

André D. Robert

Doutor em Educação. Université Lumière Lyon 2, Unité de Recherche Education, Cultures, Politiques (ECP). Lyon, Auvergne-Rhône Alpes (ARA)- France. E-mail: andre.robert@univ-lyon2.fr

